

Simplees comentário a um artigo do Sr. Dr. Abel Salazar

por Adolfo Casais Monteiro.

PARA combater atitudes, maneiras de ser ou tendências que julgemos falsas, impróprias, irreais, ou como se queira chamar-lhes, é condição indispensável não cair em vícios de pensamento idênticos aos que verberamos. Indo directamente ao caso: No n.º 3 de *Sol Nascente* publicou o sr. dr. Abel Salazar um artigo em que ataca certos inimigos da Ciência e principalmente da Caracterologia e da Psico-Somática. Confesso que a leitura do referido artigo provocou em mim esta pergunta: Mas quem são, afinal, êsses inimigos? Quem são êsses «alguns, muitos, quasi todos os nossos etéreos intelectuais» que, a julgar pelo que se lê, não podem ver o Kretschmer nem pintado? Quero crer que o sr. dr. Abel Salazar escreve para ser lido e entendido; e que, ao combater qualquer coisa, procure elucidar o leitor acerca dessa qualquer coisa; se se aponta a arma, é porque existe um alvo. Ora êste artigo dá a impressão do individuo que está a dar tiros para o ar, às cegas, a ver se por acaso a vítima vem oferecer-se a uma bala perdida; com efeito, é impossível descobrir a quem se dirigem as «acusações» do eminente homem de ciência. E se não o descobrimos, de que serve a zurzidela? O não vermos o objectivo, o não existir alvo, dá-nos a impressão de estarmos perante o Quixote caindo de lança em riste sobre os moínhos de vento. Ora quero-me parecer que o artigo não foi ditado por uma simples necessidade de esbracejar, de dar largas a um espírito combativo... gratuito. Muito ao contrário.

Ignoro se o sr. dr. Abel Salazar, ou a Caracterologia, ou a Psico-Somática, ou a Ciência em geral, foram alvo de qualquer ataque; suponhamos que sim. De que serviu a resposta, se por ela não conseguimos — sequer! — descobrir o que é que foi atacado, e muito menos com que fundamento? Naturalmente que quem defende alguma coisa deve preocupar-se com destruir os argumentos do adversário. Mas o sr. dr. Abel Salazar não se refere, nem a pessoas, nem a argumentos, nem ainda nos diz propriamente qual é a coisa defendida! Contudo, fala-se em intelectuais... etéreos. Mas esta indicação tampouco nos ajuda, e pelo seguinte: o sr. dr. Abel Salazar dá a entender que os tais inimigos invisíveis são «espiritualistas». Ora, a atitude que descreve e à qual aplica êsse qualificativo não é espiritualista, é... imbecil. Só um imbecil seria capaz das afirmações atribuídas pelo sr. dr. Abel Salazar aos... tais. Aliás, sabe êle com certeza que o espiritualismo é uma atitude filosófica morta, passada à história, sem nenhuma ressonância *viva* no nosso tempo. Não sei se haverá por aí quem se intitule espiritualista; talvez... Mas o que não há é um *intellectual* — a não ser que o termo tenha sido usado... para brincar — que seja espiritualista; mas principalmente: nenhum intelectual, seja êle o que fór, que possa afirmar as extravagâncias a que o sr. dr. Abel Salazar põe o rótulo de afirmações espiritualistas. Quere dizer: aqueles «espiritualistas» a que se refere o artigo

existem apenas na imaginação do seu autor. E nada é péssimo como o processo polémico que consiste em inventar um adversário-fantasma, para cair sobre êle, e desfazê-lo num abrir e fechar de olhos. Que eficiência pode ter o combate contra uma fantasia?! O sr. dr. Abel Salazar imaginou um espiritualismo extravagante e delicia-se a mostrá-lo ante os leitores, ridículo, tartamudo, idiota. E depois? Que ganhará a Ciência com tão estrondosa vitória sobre... a própria imaginação do seu defensor?

Vindo defender a Ciência ou o quer que é, seria útil que o sr. dr. Abel Salazar combatesse um adversário real, que nos apontasse uma atitude séria — pois quero crer que o ilustre professor não pertença ao número daqueles para quem todo o adversário é um idiota — e que nos mostrasse numa crítica fundamentada, clara e honesta para com a atitude combatida, as razões de a considerar verdadeira.

Que o sr. dr. Abel Salazar defenda a Ciência, ou certas ciências em particular, está muito bem, e ninguém lhe irá à mão por isso. Se ela ou elas têm inimigos, para que a defeza se não reduza a retórica fácil e inútil, será necessário localizá-los, combater as suas razões, e antes de mais dizer-nos quais elas são, para que possamos, nós, simples, humildes leitores que não somos homens de ciência, ver se a razão está dum lado ou do outro.

Em primeiro lugar, defender a Ciência é já uma atitude imprecisa... e pouco científica. Tanto mais que não chegamos a compreender se o sr. dr. Abel Salazar ataca quaisquer inimigos da Ciência, se apenas os que «se declararam em revolta contra a Caracterologia, contra a Psico-Somática».

Vemos, pois, que a ofensiva fica desde logo invalidada pelo equívoco que se estabelece, pela dúvida que formulamos acerca dos seus objectivos. Ora o seu autor sabe muito bem que se pode não *crer* na Caracterologia, e crer na Astronomia ou na Física. Amigos e inimigos da Ciência, eis designações que não correspondem a nada, não só por serem demasiado vagas, mas porque, de facto, «inimigos da Ciência», é coisa que não será fácil encontrar em nossos dias. Sucede ainda que nem todos os homens de ciência a concebem idênticamente, que nem todos lhe atribuem as mesmas características, limites, finalidade, etc. — e seria portanto conveniente sabermos o que ela é para o sr. dr. Abel Salazar e para os seus adversários.

Em segundo lugar, não se encontra no artigo em questão aquele mínimo de seriedade indispensável para se ser tomado... a sério. O sr. dr. Abel Salazar quere apenas fazer rir, ou quere mostrar o risível de alguma coisa? Se o seu objectivo é o primeiro, está certo. Mas se é o segundo, o que é evidente, temos de constatar que se perde totalmente a intenção, visto que se falta a uma condição essencial da boa caricatura, que é haver a suficiente parecência com a coisa caricaturada. Senão, leia-se isto:

«O espírito não ser matéria, tal coisa significa, com efeito, reduzido

a miúdos, «que aquilo que nós não sabemos o que é não pode ser aquilo que nós não sabemos o que é», exprimindo-nos em linguagm metafísica... Ou, se o leitor quiser: «O Noumeno (a coisa em si), que não podemos saber o que é, não pode ser espírito, o qual também não sabemos o que é». É a isto que se chama espiritualismo; a isto, tal qual, sem tirar nem pôr. E é em nome disto que se protesta contra a matéria, a sórdida, a vil matéria...»

Não há nenhuma doutrina de carácter espiritualista à qual se possa aplicar a *caricatura* transcrita. Nunca em nome *disso* se protestou contra nada. Ninguém *põe* hoje o problema espírito-matéria nos termos de opposição acima referidos. O sr. dr. Abel Salazar troca... mas afinal a sua troca não o é tanto como parece, pois aquela afirmação: «É a isto que se chama espiritualismo», impede-nos de crer que o autor esteja apenas brincando. Mais e mais grave: que vem a ser isso de «protestar contra a matéria»?! Contra o materialismo, poder-se-á protestar; agora contra a matéria! Quem se entenderá no meio desta confusão?!

Creio inútil continuar a insistir sobre tôdas estas deficiências, contradições, etc. E note-se: não é sem constrangimento que me vejo armado em aparente adversário duma pessoa a quem respeito e cujo valor não ignoro. E como conheço muito bem a gente da minha terra, aqui fica o aviso para que ninguém perca tempo a acusar-me de ter *atacado* a pessoa ou o valor do sr. dr. Abel Salazar. E afirmo mais que só me entenderão os que virem neste escrito um apêlo às reais qualidades do eminente escritor, e uma defeza do verdadeiro espírito crítico, do verdadeiro método científico — qualidades que vejo traídas por alguém que se dá como seu defensor. E precisamente dum Abel Salazar que temos o direito de exigir que dê o exemplo, mostrando tais qualidades *em acção*, pois *pregá-las é fácil*... Há muitos jovens que vêem no sr. dr. Abel Salazar um guia, um mestre — e creio que êle não desdenha assumir essa nobre missão. Ora parece-me que um artigo como êste não é muito próprio para incutir em ninguém a estima do espírito científico e do rigor crítico. Os que o têm como mestre, ou duvidarão que o seja, ou então da Ciência — a menos que, e é o mais provável, não preferam imitar-lhe os defeitos, reproduzir em maior escala os ocasionais deslises, adotar o costume de atrapalhar em vez de elucidar. A nossa cultura sofre de muitos males que precisam remédio, como por exemplo a queda para se falar no ar sobre mil coisas, com grande luxo de termos técnicos, confundindo as ideias com as palavras. Esta, e outras, nunca será melhor combatida do que dando à mocidade o exemplo do equilíbrio, da clareza e da precisão. Aos verdadeiros homens de ciência compete evitar que a juventude tenha dela uma ideia demasiado esquemática, estreita e intolerante. Não será lamentável êsse espectáculo de certos jovens fulminando a metafísica em nome da

(Continua na página 13)